

## A grande fome de Lula?

No Brasil, é extremamente difícil expor os fatos e descrever a realidade como ela realmente é. A linguagem revolucionária perverte até os fatos mais evidentes. Ações policiais contra bandidos fortemente armados e violentos são frequentemente transformadas em "atentados aos direitos humanos". O uso de dinheiro público para financiar a articulação de partidos é rotulado como "defesa da democracia". Esses absurdos são rotina no debate público.

Durante a crise sanitária da COVID-19, Jair Bolsonaro, mesmo mantendo o câmbio com o dólar abaixo de seis reais, foi chamado de incompetente, crápula e outros insultos. Sua postura de aguardar a aprovação da Anvisa para a vacina e defender a não obrigatoriedade da vacinação rendeu-lhe o rótulo de genocida. No entanto, em momento algum Lula foi acusado de genocídio, mesmo tendo financiado partidos filiados ao Foro de São Paulo, ligados ao narcotráfico e ao terrorismo doméstico, ou por ter implantado o caos na segurança pública, responsável por milhões de mortes e destruição de vidas no Brasil.

Repito: Lula, que de fato promoveu a morte em massa, jamais foi chamado de genocida. Por outro lado, Bolsonaro, que não participou de fóruns ou think tanks planejando o extermínio ou domínio da América Latina, recebeu tal acusação.

Esse é apenas um exemplo entre muitos. A linguagem revolucionária dominou a cultura nacional a tal ponto que até políticos opositores ao PT adotam os termos petistas em suas falas.

O PT, aproveitando-se de seu domínio cultural, ainda mantém o controle da narrativa. Isso é facilitado porque a linguagem do debate público foi arquitetada pelo próprio grupo político, o que perpetua o caos e a desorientação enquanto avança sua agenda. Enquanto a mídia concentra esforços em questões como um suposto "golpe" – tratando esse tema como escandalosos e repulsivos –, o PT implementa cortes orçamentários com potencial de levar uma parte significativa da população brasileira à miséria.

O governo planeja dificultar o acesso a políticas de auxílio financeiro por meio do aumento da burocracia e do endurecimento nos critérios de adesão, visando reduzir o número de beneficiários e equilibrar as contas públicas. O problema é que o próprio PT criou um ambiente hostil às forças produtivas, mantendo famílias dependentes de benefícios sociais, incapazes de se reinserir no mercado de trabalho sem perder esse suporte. Pior: com isso, o partido obtém dividendos políticos dessa parcela da população que ele mesmo escravizou.

- No Brasil é impossível descrever fatos usando a linguagem corrente do debate público.
- A linguagem revolucionária utilizada pelo PT para dominar o debate não pode ser utilizada para descrever fatos, mas apenas para manter a projeção da agenda petista.
- A mídia não mencionará os efeitos do corte de gastos de Lula, mantendo um silêncio criminoso.



Agora, para conseguir ajustar as contas públicas, terá que cortar recursos de setores que lhes são mais caros politicamente. Essas vítimas perderão os auxílios e, sem oportunidades no mercado de trabalho, enfrentarão ainda mais dificuldades devido à destruição das forças produtivas nacionais.

Além disso, não podemos ignorar a agenda do Fórum Econômico Mundial, que visa eliminar a aposentadoria, transformando idosos e doentes em mão de obra forçada. A ideia de velhinhos sendo obrigados a trabalhar porque perderam seus benefícios, ou até a prática da eutanásia para os considerados "improdutivos", parece distante hoje, mas está sendo naturalizada. Para a próxima geração, isso provavelmente será normal.

Mas como explicar esses processos a quem só consegue pensar e se comunicar por meio da linguagem criada por eles no debate público? Como demonstrar que estamos a caminho de uma versão brasileira da Grande Fome chinesa – a "Grande Fome de Lula"? Ainda que a proporção populacional seja menor, a crueldade é difícil de medir.

É claro que a mídia, cúmplice, fingirá que tudo está dentro da "normalidade institucional". O pior de tudo é que sabemos que seu silêncio criminoso ainda será descrito como "defesa da democracia".

